

Irene Vaquinhas

SABER PERDURAR

Grandes linhas de evolução do Casino da Figueira
(1884-1978)



**casino
figueira**

2015

Edição: Casino Figueira

Gravura da Capa: “Grande Casino Peninsular”, pintura de Mário Silva, Casino Figueira

Capa: The Shop

Paginação: The Shop

Produção Gráfica: Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem: 2.000 exemplares

Depósito Legal: 000000/15

ISBN: 978-989-8710-07-9

Junho 2015

Índice

1. Introdução pág. 5
2. De Teatro-Circo a Casino pág. 9
3. O Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz
como local de “rendez-vous” da sociedade elegante pág. 19
4. A lei do jogo (3 de Dezembro de 1927) e o difícil relacionamento
com a Câmara Municipal da Figueira da Foz.
Os impactos da Guerra Civil espanhola e da 2ª Grande Guerra pág. 35
5. O casino na era da expansão turística pág. 47
6. Conclusão pág. 55

1. Introdução¹

No ano de 2014 completaram-se 130 anos sobre a inauguração do Teatro-Circo Saraiva de Carvalho, ocorrida a 3 de Setembro de 1884, na cidade da Figueira da Foz. Estava uma tarde ventosa, escrevia-se na imprensa. Porém, apesar do “vento rijo” que soprava, o largo em frente à nova casa de espectáculos encheu-se de gente que esperava pela sua abertura, enquanto a Filarmónica Figueirense tocava trechos musicais. Ao anoitecer, no momento em que se abria uma porta, a multidão entrou de rompante no edifício e invadiu a plateia “sem dar tempo a que se exigissem os bilhetes”.

De imediato, a orquestra começou a tocar o hino composto para a inauguração, enquanto lentamente subia o pano provisório, pondo à vista o pano de boca com uma paisagem da Figueira da Foz, desenhada por Eduardo Machado, o mesmo cenógrafo que executara as pinturas do tecto. Deslumbrado, o público irrompeu em calorosos aplausos. Seguiu-se a declamação de alguns poemas alusivos à Figueira, classificada da “Baden portuguesa”, numa comparação com a estância termal alemã, e, por fim, deu-se início ao espectáculo anunciado: a representação teatral do drama “As noites da Índia”, pela companhia do Teatro Baquet, do Porto². Estava inaugurado o teatro-circo.



Fotografia do Teatro-Circo
Saraiva de Carvalho

Fonte: Fausto de Almeida, “O Grande Casino Peninsular da Figueira”, *Boletim da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz*, nº 13, 31 de Maio de 1945.

¹ O texto desta obra tem como base o meu livro *O Casino da Figueira. Sua evolução histórica desde o Teatro-Circo à atualidade (1884-1978)*, 2ª edição, Coimbra, Palimage, 2013. Resulta, no entanto, da conferência proferida no Casino da Figueira, a 3 de Setembro de 2014, no âmbito das comemorações dos 130 anos do edifício do Theatro Circo Saraiva de Carvalho. Agradeço, muito penhoradamente, ao Sr. Dr. Domingos Silva, director do Casino da Figueira, a sua publicação.

² *Commercio da Figueira*, 6 de Setembro de 1884; *Correspondencia da Figueira*, 7 de Setembro de 1884.

A sua abertura ao público inicia uma nova fase na vida recreativa da Figueira da Foz, localidade que se tornou, a partir de meados do século XIX, praia da moda e um dos mais concorridos locais de veraneio de Portugal.

A sua elevação a cidade em 1882 e, em especial, a abertura, na década de 1880, de troços de caminho-de-ferro que permitiam a ligação a linhas férreas espanholas, bem como a disponibilização de comboios fretados para a praia da Figueira, nos meses de Julho e Agosto, tanto pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro de Portugal como pela congénere espanhola Compañía del Ferrocarril de Salamanca a la Frontera Portuguesa (S. F. P.), reflectiram-se no aumento do afluxo de veraneantes, sobretudo de nacionalidade espanhola, os quais rondariam o número de 20-21 mil, por ano, na transição do século XIX para o século XX³.

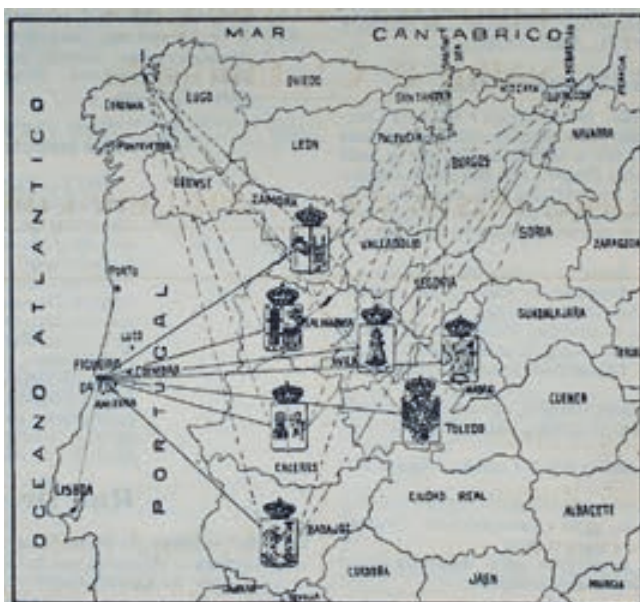


Diagrama das ligações da Figueira da Foz às principais cidades espanholas de onde provinha a maior parte dos "banhistas" além fronteiras.

Fonte: *La Playa de Figueira da Foz*, Edición del Ayuntamiento de La Camara de Comercio, Junio 1916 e *Europa*, Ano I, nº 4, 1 de Junho de 1925.

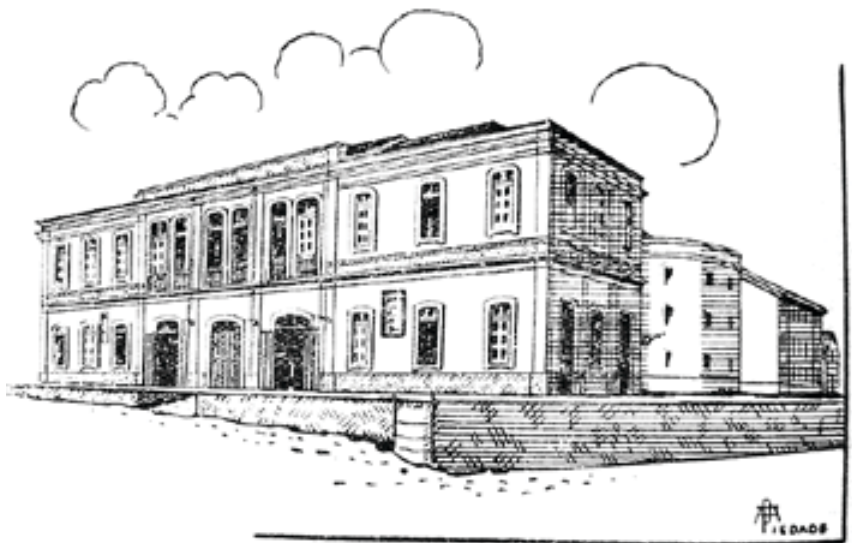
³ No contexto de promoção de um turismo de tipo popular, extensivo a várias localidades, a Companhia S. F. P. organizava viagens de ida e volta à praia da Figueira, mais precisamente, "viaje de recreo a la hermosa playa y ciudad" ao preço "económico" de onze pesetas, válido por um período de 14 dias. Iniciando o seu percurso em Salamanca, o comboio "especial", designado por "El Botijo", saía nos dias 1 e 14 de Agosto, sendo a sua partida do cais descrita como um "pitoresco espectáculo" e "cosa de no perder", "Veraneo Popular. A Figueira En El Botijo", *El Adelanto*, 15 de Agosto de 1908.

No período da época balnear, a cidade da Figueira transformava-se “numa nesga de Espanha”, de que beneficiavam tanto o comércio como as indústrias locais, a hotelaria, o aluguer de casas ou as actividades recreativas. A importância da “colónia espanhola”, como era referida na imprensa, é fundamental para se compreender a história deste casino, pelo menos até à 1ª metade do século XX, uma vez que grande parte dos espectáculos ou até a sua principal festa, em meados de Agosto, era-lhe destinada.

Importa, pois, traçar as grandes linhas de evolução desta empresa, em especial, salientar os momentos mais adversos mas que a permitiram fazer evoluir, desde a sua fundação como teatro circo até ao ano de 1978, no momento em que a zona de jogo temporário da Figueira da Foz se tornará permanente, abrindo uma novo ciclo nesta casa centenária.

2. De Teatro-Circo a Casino

A inauguração do Teatro-Circo ocorre no contexto de uma conjuntura económica de expansão da cidade da Figueira, causada, sobretudo, pelo negócio de exportação marítima, a qual proporcionou acumulação de capitais, bem como a promoção social de grupos ligados ao comércio e às indústrias locais.



Desenho do Teatro-Circo Saraiva de Carvalho efectuado por António Piedade. Atente-se no pormenor do segundo corpo do edifício, o circo propriamente dito.

Fonte: Fausto de Almeida, "O grande Casino Peninsular da Figueira", *Boletim da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz*, nº 13, 31 de Maio de 1945.

Serão precisamente elementos da classe mercantil figueirense, em particular, o abastado negociante de vinhos e figura destacada do Partido Progressista na cidade, Joaquim António Simões, que, aproveitando a oportunidade de uma terra em crescimento, onde o afluxo turístico tendia a aumentar, irão investir na construção de uma nova casa de espectáculos, constituindo-se para o efeito uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, intitulada Empresa Constructora e Exploradora do Theatro Circo Saraiva de Carvalho, com o montante de 38 contos de réis de capital social (Quadro 1).

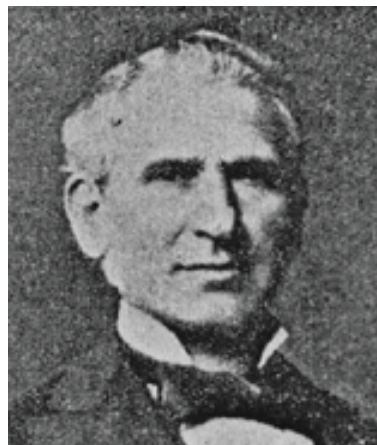
Quadro 1

Membros fundadores da Empresa Constructora e Exploradora do Teatro-Circo Saraiva de Carvalho			
Sócios	Estado civil	Profissão	Residência
Bernardino Teixeira A. Da S.Ferraz	casado	Proprietário	Fig. da Foz
João Cook Carrington	casado	Proprietário e negociante de sal	Fig. da Foz
Francisco Correia da Cruz	solteiro	Negociante	Fig. da Foz
José Lucas da Costa	casado	Negociante	Fig. da Foz
Joaquim António Simões	casado	Proprietário e negociante de vinhos	Fig. da Foz
Jacinto A. Sant´ago Gouveia	solteiro	Proprietário	Verride
Adelino da Costa Maia	viúvo	Alferes reformado	Fig. da Foz
Augusto Silvério de Oliveira	casado	Proprietário	Fig. da Foz
José Henrique da Fonseca	casado	Proprietário	Fig. da Foz
Francisco Lopes Guimarães	solteiro	Advogado	Fig. da Foz
Ignacio Augusto Carrisso	casado	Negociante e exportador de vinhos	Fig. da Foz
Fernando da Costa Andrade	solteiro	Negociante	Fig. da Foz
Sebastião Ruiz (Molina)	viúvo	Negociante de madeiras	Fig. da Foz
Manuel da Fonseca Pereira	casado	Negociante	Fig. da Foz
António Pinto	casado	Negociante	Fig. da Foz
José Maria da Silva Torres	casado	Tabelião e escrivão	Fig. da Foz
Albino de Melo Pereira de Sousa	casado	Proprietário	Fig. da Foz
Francisco de Matos Abreu	casado	Negociante	Fig. da Foz
José Correa da Cruz	solteiro	Negociante	Fig. da Foz

Fontes: Arquivo da Universidade de Coimbra (A. U. C.), Tab: José Maria da Silva Torres, Livro n.º 24, fl. 13v-17v; *Estatutos da Empresa Constructora e Exploradora do Theatro Circo Saraiva de Carvalho – Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada*, Figueira da Foz, Typographia do Commercio da Figueira, 1885; Rui de Ascensão Ferreira Cascão, *Permanência e mudança em duas comunidades do litoral: Figueira da Foz e Buarcos entre 1861 e 1910*, 2 vols., Coimbra, Universidade de Coimbra, 1989.

Fotografia do proprietário e negociante Joaquim António Simões, o principal accionista do Teatro-Circo Saraiva de Carvalho

Fonte: *Figueira da Foz. Do passado ao presente. Elementos subsidiários para o estudo do Concelho da Figueira da Foz*, 2 vols., Figueira da Foz, CMFF, 1989.



A escolha do local recaiu na zona destinada ao Bairro Novo de Santa Catarina, cuja urbanização estava a cargo da Companhia Edificadora Figueirense, empresa imobiliária que, à época, se encontrava numa fase de “estagnação”. A construção do novo edifício veio dar um novo fôlego à empresa, acelerar a construção do parque habitacional do bairro e fazer aumentar o preço das casas, constituindo um factor de valorização do bairro.

As razões de natureza económico e financeira parecem ter sido decisivas na fundação da nova casa de espectáculos, relegando para plano secundário os tradicionais argumentos políticos que a fazem depender de uma situação de desagravo ocorrida entre as duas facções monárquicas rivais, progressista e regeneradora. Tal argumento perde fundamento ao verificar-se que a Companhia Edificadora Figueirense e a empresa do Teatro-Circo partilham elementos comuns ao nível dos seus corpos sociais, entre os quais, o então presidente da edilidade local, Francisco Lopes Guimarães.

É, no entanto, um argumento politicamente conveniente ao remeter para plano secundário a associação entre interesses privados e a gestão de negócios camarários, a qual era duramente criticada pela oposição regeneradora. Já a designação do Teatro-Circo presta homenagem ao Conselheiro Augusto Saraiva de Carvalho (1839-1882), figura de proa do partido progressista, e principal responsável, como ministro das Obras Públicas, pela extensão à Figueira da Foz da linha de caminho-de-ferro da Beira Alta⁴.

⁴ Leitão Fernandes, “Breve História do Casino da Figueira”, *Voz da Figueira* de 3 de Agosto de 1972.

O projecto do novo edifício foi riscado por José Luís Monteiro (1848-1942), arquitecto-chefe da Câmara Municipal de Lisboa, docente da Escola de Belas-Artes e autor de vários edifícios emblemáticos no nosso país, entre os quais, a estação do Rossio de Lisboa. Apresentava uma planta de piso térreo, de forma rectangular, medindo 70 metros de comprimento por 36 de largura, com uma fachada neo-classicizante. Por razões desconhecidas, o arquitecto não acompanhou as obras até ao seu termo, ficando estas a cargo do mestre de obras.



Fotografia do arquitecto José Luís Monteiro (1848-1942), autor do risco do Teatro-Circo Saraiva de Carvalho.
Fonte: José Luís Monteiro, *Marcos de um percurso*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1998, p. 50.

A avaliar pelos preços praticados, o público da nova sala era socialmente heterogéneo embora não abrangendo elementos das classes mais desfavorecidas. Contudo, como em todos os circos, havia uma “geral” com preços mais acessíveis e, em certas ocasiões, entradas gratuitas para as mulheres.

À medida, porém, que se caminha para o fim do século XIX, preocupações elitistas parecem dominar a direcção do Teatro-Circo, tanto perceptíveis na reorganização do espaço dentro da sala, “aumentando o número de lugares das bancadas superiores e diminuindo os da geral”⁵, como no nível dos espectáculos, os quais se tornam mais sofisticados e profissionais, dirigidos a um público mais selectivo. Se, nos anos oitenta, eram as representações teatrais e os exercícios acrobáticos e circenses, próximos aos reportórios dos teatros de feira, que deleitavam o público, na década de noventa são as companhias profissionais de ópera, sobretudo de ópera cómica ou de opereta, que recebiam os maiores aplausos.

⁵ *Correspondencia da Figueira*, 3 de Setembro de 1885.

Lentamente, as diversões circenses vão sendo arredadas do Teatro-Circo, convertendo-o num espaço mais distinto. Se, nos primeiros anos, aí desfilaram, “clowns violinistas”, contorcionistas, equilibristas, “voltigeuses”, cavalos amestrados e até elefantes, como é o caso, entre outros, das sessões de “Mademoiselles Tourniaire e Ida, domesticadoras de elefantes” (Outubro de 1884), de Miss Dorina, a rainha do canhão (Setembro 1888) ou do cavalo Azeitona, em meados da década de 1890, as preferências do público iam para as operetas ou farsas musicais, próximas do teatro musicado, bem como para as óperas cómicas e zarzuelas, composições dramáticas e musicais típicas do teatro espanhol.



Anúncio do drama “A filha do Mar”, uma das peças representadas no Teatro-Circo
Fonte: *Gazeta da Figueira*, 13 de Setembro de 1884.

O carácter ligeiro e burlesco das composições, por vezes com letras “bem picantes”, terá contribuído para o seu sucesso, tendo sido representadas óperas, operetas e zarzuelas dos melhores dramaturgos e compositores do tempo, entre os quais Verdi, Offenbach, Lecocq, Ramos Carrión, Ruperto Chapí (1851-1909), Arrieta, Federico Chueca (1846-1908), Francisco Asenjo Barbieri, Luís Mariano Larra, entre tantos outros.



Folhas de rosto de algumas músicas tocadas no Teatro-Circo: “Uma cantora de zarzuela. Caçoneta”, “A Passagem do Regimento. Marcha militar para piano por R. Coverley” e “Cavalleria Rusticana de Pietro Mascagni – Intermezzo”.
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz (A. H. M. F. F.), Sala Figueirense, Caixa: Música Manuscrita 8B.



Caricaturas de Miguel Ramos Carrión e Federico Chueca, autores de zarzuelas dançadas no Teatro-Circo
 Fonte: Ramos Carrión y la Zarzuela. Actas, Zamora, Edición de Luciano Garcia Lorenzo, Instituto de Estudios Zamoranos “Florián de Ocampo”, 1993.

Quanto à produção artística de autores figueirenses, esta era, de uma forma geral, muito apreciada, independentemente da sua qualidade. É o caso, entre outras, da ópera-cômica “O Barão de Antanholes”, representada por um grupo amador local e levada à cena, pelo menos nove vezes no ano de 1895, ou de tragédias burlescas com enredos ingénuos e populares, entremeados com “larachas de um chulismo verdadeiramente condenável l...l e algumas frescuras”, como é o caso de “A Princesa de Caceira”⁶ ou da peça “Zas-Traz”⁷.



Anúncio da ópera-cômica “O Barão de Antanholes” e desenho satírico alusivo à peça de Rafael Bordalo Pinheiro.
 Fonte: A. H. M. F. F., Pasta: Teatro-Circo Saraiva de Carvalho; *O Antonio Maria*, 1 de Dezembro de 1896.

As representações de grupos locais constituíam, de uma maneira geral, formas de auxílio mútuo, destinadas a apoiar os mais desvalidos ou instituições necessitadas. Esporadicamente tinham lugar no Teatro-Circo outro tipo de eventos, em particular saraus, sendo de destacar, neste âmbito, as récitas de despedida dos quintanistas de estudos jurídicos da Universidade de Coimbra, antecessoras da actual “Queima das Fitas”, assim como festas de fim de curso

⁶ *Correio da Figueira*, 8 de Março de 1889.

⁷ *Correspondencia da Figueira*, 3 de Março de 1892. Esta peça constituiu, no ponto de vista do articulista do *Correio da Figueira*, “um sucesso... provinciano” (*Correio da Figueira*, 5 de Março de 1892).

de estabelecimentos de ensino da cidade ou de alunos de professoras particulares de canto e piano da Figueira da Foz, as quais se vão manter quase até ao fim do século XX (caso das irmãs Camolino de Sousa, nos anos 1950).

Apesar do aparente sucesso transmitido pela imprensa, a análise dos relatórios contabilísticos da empresa demonstra problemas financeiros a partir do final da década de 1880, em consequência da crise finissecular que se abateu sobre o nosso país em 1890-1891, da redução da colónia espanhola, por motivo de uma epidemia que grassou em Espanha em 1891, bem como dos custos elevados dos contratos ajustados com as companhias de artistas. A conversão do Teatro-circo numa casa de espectáculos mais distinta teve um preço alto e as companhias profissionais faziam-se pagar caro...

Impunha-se, pois, reconverter a casa de espectáculos, que fora, no entanto, um bom investimento, estando, no ano de 1899, avaliada por um preço muito superior ao seu custo. No momento em que o jogo constitui “a grande febre da época dos banhos” e um dos principais atractivos da animação estival, em especial para os veraneantes de nacionalidade espanhola, com “hábitos de casinar”, como então se dizia, o Teatro-Circo irá reconverter, no ano de 1895, parte do edifício em casino, dando início a uma nova etapa na sua história.

A promulgação do novo Código Administrativo, nesse mesmo ano de 1895, veio criar um quadro jurídico favorável à abertura de casas de recreio, tendo passado a incluir-se, entre as receitas municipais, o produto de taxas cobradas sobre o “rendimentos de clubs e casas de recreio l...l”, vulgo “taxas sobre casinos”, rendendo às edilidades verbas significativas. O país enche-se de casas de jogo, designadas por casinos, embora a maioria fosse constituída por instalações precárias, adaptadas à sazonalidade do veraneio.

Em rigor, a palavra “casino”, de origem italiana, designa o estabelecimento recreativo, onde, a par da realização de bailes, de concertos e de outro tipo de espectáculos, também se joga a dinheiro, ou seja, se praticam “jogos de fortuna ou azar”. Aplica-se, no entanto, a uma larga tipologia de instalações. A título exemplificativo refira-se que, na cidade da Figueira, nos primeiros anos do século XX, existiam 6 casinos ou cafés-casino (o “Peninsular”, o “Mondego”, o “Hespanhol”, o “Oceano”, o “Europa”, o “Atlântico” e, a partir de Julho de 1908, também o “Internacional”), vários cafés ou cafés-concerto com salas para jogos de vasa (“Central”, “Artístico”, “Mantigneux” e “Castela”), para além de “barracões” instalados em quintais com funções análogas às dos casinos.



Fotografias de casinos da Figueira da Foz: "Mondego", "Oceano" e "Café-Casino Europa"
 Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense,
 Pasta: Postais ilustrados; *Europa*, Ano I,
 nº 9, 15 de Agosto de 1925.

3. O Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz como local de “rendez-vous da sociedade elegante”

O “Casino Peninsular da Figueira da Foz” é inaugurado a 15 de Julho de 1895, após intervenção no edifício pelo arquitecto, formado pela Academia Portuense de Belas Artes, Joel da Silva Pereira, sendo o projecto decorativo, em particular as pinturas dos tectos (do café-concerto, salão de baile e vestíbulo), mais uma vez, da responsabilidade do “cenógrafo” Eduardo Machado.



Publicidade ao Casino Peninsular como “rendez-vous” da sociedade elegante.
Fonte: *Anuario Figueirense*, 1º ano, Coordenado por João O. Coelho, 1918.

A qualidade das suas instalações, sem comparação a nível nacional, tornava-o um pólo atractivo da estância balnear e um poderoso chamariz de uma selectiva clientela, tanto portuguesa como espanhola.



Aspectos do interior do Casino após a remodelação efectuada por Joel da Silva Pereira. Na frontaria do edifício destaca-se o gradeamento que enquadra um pequeno pátio. No final dos Anos Vinte, este será aberto ao público, passando, então, a designar-se localmente por "pátio das galinhas".
 Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense, Postais. Pasta 2, fl. 3.



Pormenores de pinturas do tecto executados pelo cenógrafo Eduardo Machado
Fonte: Arquivo do Casino da Figueira.



Sala de jogo (também designada por salão de recreio) do Grande Casino Peninsular nos inícios do século XX.
Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense, Pasta: Postais ilustrados.

Com efeito, a avaliar pelos preços das assinaturas, apenas uma clientela endinheirada podia frequentar o casino, permitindo-se, no entanto, que serviçais domésticas, em particular, “amas de leite” e criadas, pudessem entrar nas instalações, havendo um preço especial para este tipo de funcionária. A imprensa com regularidade dava conta dos seus ilustres frequentadores, sobretudo se aristocratas ou figuras distintas da sociedade do tempo, nacional ou internacional (caso de Abel Manta, elementos da Família Pinto Basto, Alberto Diniz da Fonseca, Visconde de Alcaide, Conde e Condessa de Vinhó e Almedina....).



Toilettes femininas de casino nos inícios do século XX
Fonte: *A Moda Ilustrada*, 9 e 16 de Setembro de 1907.

À medida que se avança no século XX, o público vai mudando, o que não deixaria de suscitar críticas. Nos finais da década de Vinte, são inúmeros os autores que se referem ao Casino Peninsular como se a sua época de ouro já pertencesse ao passado. No fundo, critica-se a democratização trazida com a implantação da República, a qual vai permitir que o Casino pudesse ser frequentado pelo “alfaiate, o caixeiro, o marçano, etc. toda essa camada social que há poucos anos atrás nem sequer pensava em um dia pôr lá os pés”, como então se escrevia.



Aspecto do espaço fronteiro ao Casino antes da sua electrificação em 1914.
Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense, Postais.

Seja como for, nos primeiros anos do século XX, a publicidade definia o novo espaço como o “rendez-vous da sociedade elegante”, qualificado como o casino mais sumptuoso da Península Ibérica, o que se afigura ser verdadeiro, pelo menos até à inauguração do Casino de Madrid, em 1900.



À saída do Grande Casino Peninsular após um concerto (1906).
Fonte: António Mesquita de Figueiredo, “A Figueira da Foz estação balnear”,
Ilustração Portuguesa, IIº vol., 3 de Setembro de 1906, p. 152.

Os inícios do século XX são, no entanto, problemáticos para o novo casino... Desde a sua inauguração até à promulgação do Decreto de 3 de Dezembro de 1927 que regulamenta a concessão e o exercício dos jogos de fortuna ou azar no nosso país⁸, a história deste estabelecimento de recreio é marcada por uma profunda indefinição, com reflexos sensíveis nas frequentes alterações da sua denominação: ora “Casino Peninsular”, ora “Grande Club Peninsular”, ora, ainda, “Grande Casino Peninsular”, nome que só estabilizará por volta de 1930.

As permanentes hesitações entre a proibição e a tolerância do jogo tiveram grande impacto nesta casa de espectáculos, obrigando a constantes reconversões dos seus estatutos, a alterações da sua denominação, a modificações do seu salão de jogo e, mesmo, em alguns anos, ao fecho das suas portas, como aconteceu entre 1901 e 1903. Ao tempo, os “jogos de fortuna ou azar” eram punidos pelo Código Penal como um crime contra a ordem e tranquilidade pública, e, em algumas ocasiões, o poder político reforçava o espírito da lei com instruções proibitivas.

No período da monarquia constitucional, a repressão atingiu o seu ponto mais alto com Hintze Ribeiro (1849-1907) e João Franco (1855-1929), entre 1900 e 1907, sendo o primeiro apelidado de “a sombra negra de todos os casinos”.



Caricatura de Hintze Ribeiro, qualificado por Rafael Bordalo Pinheiro como a “sombra negra de todos os casinos” pela série de portarias de carácter proibitivo dos jogos de fortuna ou azar que promulgaria. No mapa destacam-se as localidades de Cascais, da Nazaré, da Figueira da Foz, de Espinho e da Foz. Fonte: *A Parodia*, 17 de Setembro de 1902.

⁸ Decreto n.º 14643 de 3 de Dezembro de 1927, *Collecção Official da Legislação Portuguesa publicada no anno de 1927*, 2.º Semestre, Lisboa, Imprensa Nacional, 1932, pp. 799-805. Sobre este assunto consulte-se Irene Vaquinhas, “Nome de código “33856”. Os “jogos de fortuna ou azar” em Portugal entre a repressão e a tolerância (De finais do século XIX a 1927)”, Lisboa, Livros Horizonte, 2006; Irene Vaquinhas, “Casinos”, *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, vol. I: A-E, Lisboa, Edição Assembleia da República – Divisão de Edições, 2013, pp. 576-579.

Durante a República manteve-se a repressão do jogo, de acordo com os princípios consignados no “Manifesto e Programa do Partido Republicano Português”, de 1891, e reafirmados nos Congressos do referido partido em 1913 e 1914. O discurso proibitivo entrava, porém, em contradição com a realidade da vida local, uma vez que a criação das casas de recreio era encorajada pelas próprias autarquias, dadas as receitas financeiras daí decorrentes (Quadro 2).

Quadro 2

Montante da taxa sobre casinos relativamente aos orçamentos da Câmara Municipal da Figueira da Foz			
Ano	Taxa (em réis)	Orçamento (em réis)	%
1898	2500000	40867423	6.12
1899	2500000	41218321	6.07
1900		37915120	0
1901			0
1902			0
1903			0
1904	1000000	34902357	2.87
1905	4583200	38295021	12
1906	3039780	36437902	8.34
1907	40000	33227561	0.12
1908	5976250	41594890	14.4
1909	8149999	45681898	17.8
1910	9670000	45695507	21.2
1911	5300000	41748301	12.7

Ano	Taxa (em escudos)	Orçamento (em escudos)	%
1912	37666.66	41223.32	91.4
1913	0	38989.76	0
1914	5150	42135.95	12.2
1915	450	39581.74	1.14
1916	5700	44176.03	12.9
1917	7100	45101.68	15.7
1918	10600	57379.59	18.5
1919	10800	66483.07	16.2
1920	0	100261.88	0

Fonte: Irene Vaquinhas, “Nome de código l...l, p. 45.

Como forma de ultrapassar as dificuldades financeiras resultantes da proibição do jogo, o “Grande Casino Peninsular” irá desenvolver, durante a época balnear (de 15 de Julho a 31 de Outubro), todo um conjunto de iniciativas, algumas efémeras, outras duradoiras, mas sempre subordinadas a um mesmo objectivo: preservar a imagem de uma casa de recreio respeitável e familiar, adequando-se os divertimentos aos vários gostos e aos diversos grupos etários, desde os mais pequenos aos mais idosos.

Salão de jogos

Adjudicada pela indústria do jogo,
por despacho de decreto n.º 14643

HORARIO E REGULAMENTAÇÃO INTERNA

A casa do jogo abre todos os dias ás 2 da tarde e conserva-se aberto até ás 4 da manhã, funcionando os seguintes jogos:

Roloto.
Banca Francaza.
Baccarat.

A entrada é livre a todos as pessoas correctamente vestidas, com excepção de militares, menores, ou funcionarios detentores de dinheiros publicos.

Grande Casino Peninsular

Preços

Bilhetes de entrada e assinatura válidos somente para ingresso nos salões de music-hall e dança:

Bilhetes de entrada:

(Agosto e Setembro) Normal, diária.	75\$00
Domingos e quintas-feiras	125\$00
Só manhã	75\$00
idem: Só tarde	100\$00
Dias de festa.	125\$00
» » festas extraordinárias (mínimo)	200\$00

Assinaturas:

Época:

Cavalheiros	300\$00
Senhores	150\$00
Menores	150\$00

Agosto ou Setembro:

Cavalheiros	200\$00
Senhores	150\$00
Menores	100\$00

Grande Casino Peninsular

É mais ampla, elegante e luxuosa da Figueira da Foz

TODAS AS NOITES:

Excellentes numeroes de variedades pelas mais formosas e interessantes "Classeuses" e Compañias.

PRIMOROSO SERVIÇO DE RESTAURANTE

Bar à americana — Jantares — Concertos — Club dancing — Ballets — Infância

Casertitas por um sexteto completo de artistas profissionais

Publicidade ao Grande Casino Peninsular com a indicação dos horários e/ou preços praticados. Fonte: *Guia Prático do Banhista na Figueira da Foz illustrado com vistas d esta cidade. Epoca de 1905 – 1.º anno*, Figueira, Typographia Popular, 1905, p. 16; *Album Figueirense* l...l; *Europa*, ano II, 1 de Junho de 1926.



Cartões de sócio (“cavalheiros”) do Casino (verso e reverso).
 Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense,
 Pasta: Programas. Casino.

Para os adultos, havia, para além dos bailes diários, música de câmara, chás-tango a partir dos anos 1920, concertos musicais, executados por pequenas orquestras (“sextetos”) e que tocavam excertos das principais óperas ou operetas do tempo, em particular as compostas por Giuseppe Verdi, o compositor mais escutado nas tardes de Verão do “Grande Casino Peninsular” (Quadro 3). À noite, a música alternava com números de variedades, na linha dos repertórios dos cafés-concerto, então em voga por toda a Europa.

Quadro 3

Programa de actividades do Grande Casino Peninsular na época de 1903 (Agosto, Setembro e Outubro)	
Horas	Actividades
14h	Concerto no Salão Nobre
19h30 – 21h	Concerto no recinto do café
20h – 21h*	Concerto e baile infantil no recinto do café
21h30	Baile no Salão Nobre
20h30 – 21h*	Concertos por bandas filarmónicas
* – não se realizam todos os dias	

Fonte: A. H. M. F. F., Pasta Casino Peninsular Col. Pro/2.

Época 1903
Agosto

Casino Peninsular

Quarta-feira, 5
às 9 horas

CONCERTO NO SALÃO NOBRE pelo senhora
compañia dos seguintes profesores, alunas
do Real Conservatorio de Madrid

1.ª - Pianos	2.ª - Violoncello
3.ª - Violino	4.ª - Violão
5.ª - Contrabaixo	6.ª - Flauta
7.ª - Clarinete	8.ª - Trompete
9.ª - Trombon	10.ª - Tuba
11.ª - Bateria	12.ª - Coro

Programma

1.ª Parte

1. - La Noche de San Juan	Adagio
2. - La Noche de San Juan	Andante
3. - La Noche de San Juan	Moderato

2.ª Parte

4. - Polka	Allegretto
5. - Polka	Allegretto
6. - Polka	Allegretto

Na primeira estalagem, primeira sessão de musica de canção

às 7 horas da noite
Concerto no recinto do café
às 10 horas da noite
BAILE
no salão nobre.

Impressão: Lisboa, Portugal - Distribuição: Agências de Turismo e Turismo

Época 1903

CASINO PENINSULAR

Quinta-feira, 20 de Agosto
Concerto no Salão Nobre
às 8 horas

Programma

1.ª Parte

- 1 - Overture (overture) ... *Marcini*
- 2 - La Coccinella (intermezzo) ... *Grieg*
- 3 - Sonza y Baile Nacional ... *Sain-Louis*
- 4 - La Noche de San Juan ... *Chap*

2.ª Parte

- 1 - Marcha de las Antorchas ... *Moscow*
- 2 - Fin y Hora ... *18.º M*
- 3 - Fin y Hora ... *18.º M*
- 4 - Minuette ... *Chap*
- 5 - Lullaby ... *Wagner*

das 8 as 9 horas da noite
BAILE INFANTIL
no recinto do café

às 9 e meia
BAILE no salão nobre

PITTA Camisero - R. da Boa Recordação, 80
NOTADOR PARA DIMEN E EXTERNA

Alguns programas da temporada de 1903.
Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense, Pasta: Programas. Casino.

A partir da década de 1920, inicia-se a era das “Jazz-Band”, as variedades na linha do “cabaret americano” e o dancing. Entram também na moda os “nús artísticos”. No momento em que faziam furor os espectáculos de “Mademoiselle Mistinguett” ou de Josephine Baker, artista que incendiava os palcos do “Casino de Paris” ao dançar completamente nua com um cacho de bananas à roda da cintura, no ano de 1928, o Casino enchia-se para se assistir ao show de “Blanquita Garcia, a bailarina nua”.



Ilustrações de programas do Casino (Anos Vinte e Trinta) executadas por artistas figueirenses: Rogério Reynaud (1886-1970), António Piedade (1885-1944) e António Moreira Júnior (1904-1972).
 Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense, Pasta Casino Peninsular. Programas.

Quanto aos artistas, mantinha-se o apreço pelos de nacionalidade espanhola, tendo, em 1926, feito furor La Goya, a “tonadillera”, vinda do país vizinho para actuar na festa dedicada à colónia espanhola, a quem Almada Negreiros chamou “La Chula de Batiguella”.

A partir do Verão de 1896, o Casino Peninsular passaria também a dispor, nas suas instalações, de um Animatógrafo, e, desde 1914, de um cinematógrafo.

Capa da partitura do fox-trot “Flor del Mal”,
 “cantado em Lisboa com grande sucesso pela distinta
 tonadillera La Goya”, sobre desenho de Stuart Carvalhais.
 Fonte: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,
 Sala Jorge de Faria.



Fotografias de artistas de variedades e de alguns grupos que actuaram no Casino.
 Fonte: *Gazeta da Figueira*, 14 e 24 de Julho de 1915; *A Voz da Justiça*, 30 de Setembro de 1919;
Europa, Ano I, nº 12, 1 de Outubro de 1925.

Grande Casino Peninsular
 FIDUCIÁRIA DA FÓZ — 1918

Quarta-feira, 6 de Outubro

CONCERTO Sexteto
 com a assistência do autor (destinado a TRINDADE PINTO)

1.ª PARTE
 1. Fátima (cantado)
 2. Deixa o café
 3. Tão... (cantado)
 4. They... (cantado)

2.ª PARTE
 1. Arguição (português)
 2. Mente...
 3. Não é verdade
 4. Mente... (cantado)

PROGRAMA

20.000
 61.120

No SALÃO DO CAFÉ
 Concerto pelo Quinteto "Paula Santos"
 (Sala de concertos da Sociedade Foz de 21.000) FÓZ DA BARRA PAZUA 142721

BAILE no SALÃO NOBRE
 (Sala de concertos da Sociedade Foz de 21.000) FÓZ DA BARRA PAZUA 142721

HOJE, no TEATRO
ELMO, o Poderoso

Salão-Restaurant
 Patheserie Déodat, de Lisboa

PROGRAMA

NO SALÃO DE INVERNO
 (Sala de concertos da Sociedade Foz de 21.000) FÓZ DA BARRA PAZUA 142721

CONCERTO pelo Quinteto
 dirigido pelo maestro
Rosa Zúñiga

PRIMEIRA PARTE

1. Fátima (cantado)
 2. Deixa o café
 3. Tão... (cantado)
 4. They... (cantado)

SEGUNDA PARTE

1. Arguição (português)
 2. Mente...
 3. Não é verdade
 4. Mente... (cantado)

BAILE

PROGRAMA

Grande Casino Peninsular
 (Sala de concertos da Sociedade Foz de 21.000) FÓZ DA BARRA PAZUA 142721

CONCERTO pelo Quinteto
 dirigido pelo maestro
Rosa Zúñiga

PRIMEIRA PARTE

1. Fátima (cantado)
 2. Deixa o café
 3. Tão... (cantado)
 4. They... (cantado)

SEGUNDA PARTE

1. Arguição (português)
 2. Mente...
 3. Não é verdade
 4. Mente... (cantado)

BAILE

Alguns programas das épocas de 1910-1920
 Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense, Pasta: Programas. Casino.

Para as crianças, havia concertos e bailes infantis, sendo-lhes, por vezes, também dedicada o primeiro número da música de baile no Salão Nobre. É neste período que se começa a realizar a “aparatoso” pantomina da feira de Sevilha, ou seja, a garraizada, tendo a empresa, no ano de 1908, mandado construir “uma forte grade de ferro de altura”, que se colocava em redor da pista, de modo a criar uma “praça de touros”. A garraizada será, alguns anos mais tarde, recuperada pelo “Grande Casino Peninsular” como uma das atracções das suas matinées infantis.

Como se explicitou, os Anos Vinte foram, de facto, difíceis, procurando a empresa rentabilizar ao máximo as instalações do casino, disponibilizando serviços públicos, e, desta maneira, superar as dificuldades financeiras causadas pela indefinição governativa relativamente aos jogos de fortuna ou azar. Assim, no início do século XX, o casino funcionou

como “depósito” de A Brasileira, “café do Brasil”. Havia também uma barbearia e, a partir de 1908, passará a dispor da “Estação telegráfica do Bairro Novo”, a qual permanece até aos anos Trinta. É precisamente no quadro de uma situação financeira aflitiva que é aberto ao público, como esplanada, provavelmente no ano de 1928, o *hall* de entrada do edifício, o qual passaria à história com o nome de “pátio das galinhas”.



Publicidade ao Salão de Barbearia do “Grande Casino Peninsular”.

Fonte: A. H. M. F. F., Programas do Casino Peninsular de 15 de Agosto de 1926.

No ano de 1927⁹, no momento em que é promulgada a primeira lei do jogo em Portugal, a qual vem disciplinar o sector e reduzir o número de casinos no nosso país, o “Grande Casino Peninsular” apresentava uma situação financeira deficitária, estando praticamente nas mãos da casa bancária “A. Piano Júnior e Companhia”, de Lisboa. Trata-se de um período difícil de apreender, em termos historiográficos, dada a escassez de fontes. Todavia, no ano de 1928 é

⁹ Regulamentação dos Jogos de Fortuna ou Azar, de 3 de Dezembro de 1927 (Decreto nº 14643). Sobre os condicionalismos históricos que rodearam a aprovação deste Regulamento, assim como sobre o conteúdo do seu articulado veja-se Irene Vaquinhas, “Nome de código “33856” L..I, ob. cit., pp. 49-59; 85-99.

constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada que adjudica o exclusivo do jogo na então recém-classificada zona temporária da Figueira da Foz¹⁰, sob a designação de “Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz”, nome que manterá até quase ao final do século XX.

Ao tempo, a “A. Piano Júnior e Companhia” encontrava-se em falência e, dada a impossibilidade de satisfazer as suas dívidas em dinheiro, entrega, para além de bens fundiários¹¹, o Casino à firma José Henriques Totta Lda., instituição bancária que fora adquirida por Alfredo da Silva (1871-1942), dono da Confederação da União Fabril (CUF). Será, por este meio, que o “Grande Casino Peninsular” é incorporado no vasto império dessa grande figura do meio empresarial português e um dos “patrões da indústria portuguesa” do tempo.

¹⁰ De acordo com a nova legislação, o período cronológico em que era permitido o exercício de jogos de fortuna ou azar nas “zonas de jogo temporárias”, estendia-se de 1 de Maio e 31 de Outubro de cada ano. O contrato de adjudicação do exclusivo dos jogos de fortuna ou azar, na zona temporária da Figueira da Foz, foi celebrado a 29 de Junho de 1928, em Lisboa, no Ministério do Interior.

¹¹ É o caso de parte da Quinta da Penha Longa, em Sintra, e da Tapada do Saldanha, em Lisboa. Sobre esta casa bancária, veja-se Irene Vaquinhas, “Piano & Cª (1918-1956)”, in *Dicionário de história empresarial portuguesa. Séculos XIX e XX*, vol. I, Instituições bancárias, Coordenação Miguel Figueira de Faria; José Amado Mendes, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, S. A. e Universidade Autónoma de Lisboa, 2013, pp. 612-616.

4. A lei do jogo (3 de Dezembro de 1927) e o difícil relacionamento do casino com a Câmara Municipal. Os impactos da Guerra Civil espanhola e da 2ª Grande Guerra

A lei do jogo impunha¹², entre outros aspectos, o prazo de 30 anos para a concessão, a obrigatoriedade de os concessionários construírem um casino (caso ainda o não tivessem) e um hotel tipo palace com um mínimo de 300 quartos no prazo de três anos, bem como o pagamento de uma verba fixa ao Estado. Contrariamente ao período anterior em que as câmaras municipais eram as principais beneficiárias das “taxas sobre casinos”, a partir do novo quadro legal é o Estado que arrecada a maior fatia do “imposto sobre o jogo”. No caso da Figueira da Foz, as receitas camárias reduzem-se drasticamente, o que levou um dos presidentes da câmara a concluir que o “jogo fora muito mais rentável à autarquia quando era proibido do que a partir do momento em que se tornou legal”¹³.

Neste contexto, o cumprimento da lei do jogo, em especial a construção de um hotel, converter-se-á num instrumento de pressão da autarquia sobre o Grande Casino Peninsular, obrigação contratual que, no entanto, vai sendo adiada pelos seus responsáveis, invocando-se sobretudo a “Grande Depressão de 1929”. A câmara figueirense aprovaria, no ano de 1932, em assembleia municipal, a decisão de se rescindir o contrato com a empresa concessionária e de se “entregar a exploração do jogo à câmara municipal”¹⁴.

Com o início do Estado Novo, em 1933, a questão do jogo de fortuna ou azar vai ser enquadrada em novos moldes, ficando sob a tutela das Comissões de Iniciativa e Turismo e, a partir de 1937, das Comissões Municipais de Turismo. A partir dessa data, retoma-se o tema da construção do hotel exigindo-se aos concessionários uma resposta sobre o assunto¹⁵. Em virtude de Grande Casino Peninsular a não ter dado, a 30 de Abril de 1937, é “rescindido o contracto da concessão” do jogo de fortuna ou azar na Figueira¹⁶.

¹² *Diário do Governo*, III Série, nº 44, 24 de Fevereiro de 1931, fl. 307. A legislação de 1927 vem disciplinar o sector do jogo, reduzir o número de casinos e limitá-los às zonas de jogo permitidas no país: duas permanentes (os Estoris e a ilha da Madeira) e seis temporárias, com um único casino por zona (Santa Luzia em Viana do Castelo, Espinho; Curia, Figueira da Foz, Sintra e Praia da Rocha). Não só se inibe a abertura de novos casinos, como se exige que estes tenham instalações com “requisitos de luxo”, sendo também as empresas concessionárias obrigadas a construírem um hotel, tipo “palace”.

¹³ *O Figueirense*, 21 de Outubro de 1928.

¹⁴ A. H. M. F. F., Livro de Actas da Câmara Municipal do Concelho da Figueira da Foz, sessão ordinária de 27 de Janeiro de 1932, fl. 194v-195; sessão ordinária de 14 de Setembro de 1932, fl. 172-173; sessão extraordinária de 21 de Setembro de 1932, fl. 176-176v.

¹⁵ Decreto nº 27609, de 1 de Abril de 1937, in *Diário do Governo*, I Série, nº 75, p. 296.

¹⁶ *Ibidem*.

Essa decisão teve grande repercussão na cidade: não só se reconhecia a importância do casino como chamariz de visitantes, sendo considerado “a sala de visitas da cidade”, como ocorre num período dramático da história desta praia no século XX.

Refiro-me, em concreto, ao impacto da guerra civil espanhola, iniciada em Julho de 1936, a qual reduziu drasticamente o número de veraneantes espanhóis com consequências no comércio e nas indústrias locais, chegando a imprensa local a anunciar que “Morreu D. Época Balnear”¹⁷, adiantando-se que “uma praia sem música, sem festas, sem um casino a funcionar [...] é uma praia morta”¹⁸.

A mobilização do comércio local, em particular o do Bairro Novo, junto da empresa proprietária, bem como da autarquia e outras instâncias políticas, possibilitará a sua reabertura, no ano de 1938, mas sem a concessão de jogo que só será reposta em Junho de 1939¹⁹.



Página de assinaturas do abaixo-assinado dirigido ao empresário Alfredo da Silva solicitando a abertura do Casino (1937?)

Fonte: Arquivo Particular da CUF, Pasta Casino Peninsular.

¹⁷ O Figueirense, 30 de Setembro de 1939.

¹⁸ O Figueirense, 30 de Abril de 1938.

¹⁹ Irene Vaquinhas, “Alfredo da Silva e o “Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz: aspectos económicos (1930-1937)”, *Actas do Colóquio Internacional A Industrialização em Portugal no século XX. O caso do Barreiro*, coordenação de Miguel Figueira de Faria e José Amado Mendes, Lisboa, EDIUAL – Universidade Autónoma Editora, S. A., 2010, pp. 137-153.

A estratégia autárquica passa por enquadrar a zona de jogo num ambicioso plano benéfico, sob a tutela do governo central, imprimindo utilidade social e sentido caritativo ao dinheiro proveniente do jogo, reservando-o para a política assistencial promovida pelo município. Nesse sentido concorreu a crise económica acompanhada por desemprego que se abateu sobre a cidade da Figueira, em 1939, factor que constituiu uma oportunidade excelente para justificar a zona de jogo, ao encaminhar-se o dinheiro proveniente da exploração do jogo para a assistência prestada pela autarquia, sobretudo a juntas de freguesia, organizações beneficentes (como a Misericórdia ou a “Obra da Figueira”, “sopa de pobres”, entre outros), de forma a “acudir” aos problemas sociais mais gritantes (Quadro 4).

Quadro 4

Origem das receitas da assistência prestada pela autarquia figueirense de 1944 a 1947 (valores percentuais)					
Origem das receitas	1944	1945	1946	1947	Média
	%	%	%	%	%
Da exploração do jogo do Grande Casino Peninsular	92	87.5	80.1	94.8	88
Campanha do Socorro do Inverno		9.44	11		5.6
Campanha do Socorro Social				3.81	1.06
Cortejo de Oferendas			7.71		2.47
Outras Receitas	8	3.01	1.22	1.4	2.85

Fonte: *O Figueirense*, 25 de Dezembro de 1947

Por outras palavras, o pragmatismo dos benefícios sociais suplantava as objecções de princípio, transmutando-se o jogo, mais uma vez, “de vício privado a virtude pública se ele puder contribuir para a resolução da penúria endémica dos cofres públicos”²⁰. Na resolução desta questão tiveram papel de relevo algumas figuras do regime estadonovista, entre as quais, o professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e antigo deputado pelo círculo da Figueira da Foz, Bissaia Barreto (1886-1974)²¹. A solução adoptada teve a sua marca indelével.

²⁰ Joaquim Gomes Canotilho, “Irene Vaquinhas, *Nome de Código 33.856: os jogos de fortuna ou azar em Portugal entre a repressão e a tolerância (de finais do século XIX a 1927)*”, Lisboa, Livros Horizonte, 2006, 143 p., in *Revista Portuguesa de História*, t. XXXVII (2005), p. 476.

²¹ Manuel Braga da Cruz, “Rosa, Fernando Baeta Bissaia Barreto”, in Fernando Rosas; J. M. Brandão de Brito, *Dicionário de História do Estado Novo*, 2^o vol., Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 854-855. Na cidade da Figueira da Foz, o conhecido médico fundaria várias instituições, entre as quais, a “Casa da Criança Infanta D. Maria”, a “Colónia Balnear Infantil da Gala”, a “Maternidade Casa da Mãe” e o “Hospital hélio-marítimo da Gala” (sobre o assunto veja-se *O Figueirense*, 21 de Setembro de 1974). Para uma análise mais aprofundada da sua actividade política e, em particular, dos fundamentos ideológicos da sua obra assistencial, veja-se Jorge Pais de Sousa, *Bissaya Barreto: ordem e progresso*, Coimbra, FLUC, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, 1998, em especial, pp. 104-116.



A "mesa da magistratura e da aviação" numa festa no casino nos Anos Trinta
Fonte: *O Notícias Ilustrado*, nº 274, 10 de Setembro de 1933



Algumas partituras de músicas tocadas no "Grande Casino Peninsular".
 Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense, Pasta Figueirenses 6 A
 e Pasta Vários 3 J.

O papel desempenhado pela câmara na retoma do jogo vai-lhe conferir a possibilidade de interferência na gestão interna do “Grande Casino Peninsular”, a ponto de quase dispôr das suas instalações, sem semelhança com outras empresas da cidade, ou de dar indicações sobre os espectáculos a realizar (iniciativas oficiais, festas de caridade, mostras de cultura popular...), entre outros aspectos. Trata-se de práticas que remetem, em última instância, para o enquadramento político e ideológico do casino, e que se acentuam após a morte de Alfredo da Silva, em 1942, podendo falar-se de um assédio da Comissão Municipal de Turismo às instalações do casino, promovendo-se à sua custa.

A gestão municipal dos rendimentos do jogo, sobretudo a sua repartição pelas instituições de caridade, tornar-se-á um quebra-cabeças para a edilidade, acrescido pelo facto de a Comissão Municipal de Turismo passar a exigir uma quota parte. A partir de 1943 começa um lento mas progressivo esforço de emancipação em relação ao figurino vigente.

A 2ª Grande Guerra veio trazer grandes novidades à Figueira da Foz, em particular, a presença de refugiados estrangeiros já que a cidade será, a partir de Junho de 1940, uma das localidades escolhidas para “residência fixa” de judeus fugidos ao Holocausto²². Em tempo de Guerra, a cidade fervilha de gente, prolongando os limites da época balnear. Muitos refugiados eram artistas internacionais de quem beneficiará grandemente o casino, como é o caso, entre outros, do casal de pianistas, Colette Gaveau (1920-1987) e Witold Malcuzyński (1914-1977).

²² Irene Flunser Pimentel, *Judeus em Portugal durante a II Grande Guerra. Em fuga de Hitler e do Holocausto*, Lisboa, A esfera dos livros, 2006, pp. 127-134.

Quem é o grande Pianista Witold Malcuzyński

?

Chicago Daily Tribune:
«Pôitico, místico, épico e romântico... é o mais ideal intérprete de Chopin».

New York P. M.:
«O último discípulo de Paderewski manteve o seu auditório em suspensão e recebeu a ovacão mais ruidosa e mais empolgante da temporada».

The Star, de Londres:
«E' um virtuose do género de Pashmann e Paderewski. Desde os melhores dias de Paderewski não temos ouvido tanto domínio do teclado».

Paris:
«Malcuzyński tem conquistado Paris. E' um verdadeiro aristocrata do teclado, que atrai pela elegância, subtilidade e pureza inimitáveis».

Bruxelas:
«Um pianista cuja execução é uma mensagem».

Zurich:
*«Interpretações duma grandeza criadora, que se podem classificar de geniais.
 Execução de um encanto sem igual, repleta duma vida intensa, subtil e dinâmica».*

Boston Daily Globe:
«Em menos de três anos, Malcuzyński alcançou a estratosfera da Música, lugar em que se encontra unicamente o mais selecto. Considerando o pouco tempo da sua actuação perante o público americano, a sua carreira tem sido fenomenal e a sua obra incrível».

San Francisco Call Bulletin:
«Malcuzyński tem poucos iguais, talvez nenhum, no mundo dos concertos».

Los Angeles Times:
«Malcuzyński tem este país a seus pés. Um dos técnicos mais fantásticos da sua geração».


**Concerto no GRANDE CASINO PENINSULAR,
da Figueira da Foz, às 22,30 horas de
SEGUNDA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 1948.**

De Figueira - Figueira - 1 de Junho de 1948.

GRANDE CASINO PENINSULAR
CONCERTO DE 22.30
SABADO, 28 DE JUNHO DE 1948

Uma noite que vai ficar inolvidável!

GLAMOUR NIGHT

Um concerto de grande importância musical apresentado por o compositor

DAVID TELLER

PIGGY & HUMBERTO

YVONNE & FREDER

MARIA GABRIELA

CLYVELIA VERNON

O concerto começa ás 22.30. **PREÇOS: 1.500 e 2.500**
BAILE começando ás 23.30.

S. JOÃO FLORIDO
Organização e distribuição de bilhetes

Grande Casino Peninsular

FIGUEIRA DA FOZ
 Quarta-feira, 17 de Julho de 1940
 (às 22,30 horas)

— NO —
 Salão Nobre

RECITAL DE PIANO

EM BENEFÍCIO DA ASSISTÊNCIA LOCAL

PROGRAMA

I PARTE	II PARTE
Balada en la bem. maj. Chopin	Sonata en si bem. min. Chopin
Deux études Chopin	El gran-Duque momento
Clavé de la ma. Debussy	El adagio
Impromptu Faure	El scherzo lastoso
Sonata Beethoven	El trale
	Marcha Chopin
	Novecento Chopin
	Polacca en la bem. min. Chopin
COLETTE CHATEL	WITOLD MALCUZYNSKI
Pila do Conservatório laico (Brazileira 1938)	Grand Pila Polacca do Conservatório (Brazileira 1937)

III PARTE

BAILE

Preço de cada bilhete, 5500

De Figueira - Figueira - 17 de Julho de 1940.

Programas com a participação de refugiados estrangeiros
 Fonte: A. H. M. F. F., Câmara Municipal. Turismo. Programas Visados.
 Inspeção dos Espectáculos. Pastas: 1940; 1946; 1948.

Os resultados da exploração do jogo, sobretudo após o ano de 1942, comprovam o impacto dos refugiados estrangeiros na vida da cidade. Estes constituem, “na sua maioria gente abastada, que jogava sem preocupações”. Todavia, aos jogadores estrangeiros, juntavam-se, muitos portugueses, com destaque para os “volframistas”, ou seja, todos aqueles que enriqueceram rapidamente mercê de um dos grandes negócios proporcionados pela 2ª Grande Guerra: a “corrida ao volfrâmio”, também chamado “ouro negro”.



Figura da Paz - Casino Penhousar - Sala de baile



FIGUEIRA DA FOZ

O Casino em dia de Festa



FIGUEIRA DA FOZ
Sala de Baile

Perspectivas do Salão de baile
em dia de festa nos anos 1940.
Fonte: A. H. M. F. F., Sala Figueirense,
Pasta: Postais ilustrados.

O dinamismo trazido à cidade pela 2ª Grande Guerra, a par de uma assertiva campanha publicitária assente no slogan “Figueira da Foz praia da claridade”, cria novas expectativas em termos de investimentos, fazendo surgir sociedades comerciais destinadas a explorar as potencialidades turísticas da localidade e do casino, entre as quais a Sociedade Figueira-Praia, formalizada em 1948, à qual será adjudicada o exclusivo do jogo.

Todo o período que vai até aos finais da década de 1940 é caracterizado, em termos de espectáculos, por algumas novidades, entre as quais a recuperação de festas tradicionais portuguesas, aparentemente descomprometidas em termos políticos e ideológicos, num contexto de acentuado nacionalismo. É certo que, nos anos trinta, permanece o apreço pelos ritmos espanhóis e, por extensão, latino-americanos (tangos, maxixes, samba), continuando a aplaudir-se artistas espanholas, cujos “nomes artísticos” remetiam para ambientes latinos, num suceder contínuo de “Rositas”, “Doritas”, “Blanquitas”, “Conchitas”, “Pepitas”...

Porém, como se referiu, a redução drástica do público espanhol nos anos da guerra civil de Espanha vai conduzir a uma reconfiguração dos espectáculos realizados que se “nacionalizam”, orientando-se para o público português. Nesse campo, para além dos bailes ao som de orquestra, subordinados ou não a temas (Bailes Azuis, Bailes dos Cisnes, Festas do Luar...), as festas que eram aguardadas com expectativa e congregavam os maiores esforços financeiros do casino, em termos de decoração e de investimento artístico, geralmente executados pelo “hábil pintor e decorador” Rogério Reynaud, eram, inquestionavelmente, as Festas à Portuguesa, também designadas por Arraial ou Ceia à Portuguesa.



Programas de Festas à Portuguesa ou de temáticas regionalistas.
 Fonte: A. H. M. F. F., Câmara Municipal. Turismo. Programas Visados. Inspecção dos Espectáculos. Pasta: 1939; 1940; 1947.

Estas festas envolviam sempre os mais populares artistas do momento, tanto do teatro de revista, como do cinema, como ainda as fadistas mais castiças (a cantadeira Amália Rodrigues, Hermínia Silva, Vasco Santana, entre tantos outros). Era considerada um momento de exaltação da cultura popular, singularizando o casino no painel dos casinos portugueses e um trunfo para os responsáveis do “Peninsular”.

Investe-se também no público infantil, cujos divertimentos passam a integrar a programação regular do casino, havendo numerosas provas de destreza física (corridas, “Volta Infantil ao Casino”, em bicicleta e triciclo, concursos de mergulhos e de pinos...), para além da célebre garraida que também se “nacionaliza”, passando a fazer-se à portuguesa, com os cavaleiros vestidos à marialva.

GRANDE CASINO PENINSULAR

HOJE / DOMINGO / HOJE

NO SALÃO DO CAFÉ

em 18 horas em

GRANDE GINKANA INFANTIL

Cantadas de crianças, de jovens, de senhores, de senhoras, etc.
com **MEDALHAS DE PRATA AOS VENCEDORES**

BAILE - VARIEDADES
"CINQUENTA E TODAS AS CANTADAS"

NO SALÃO NOITE

em 22 horas em

BAILE ORQUESTRA CHAVE DE OURO
em colaboração com o Sr. CHAVE

RESPONDA DA SENHA SAULIANA

ROCIO MONTES

ENTRADA: 5\$00

AMANHÃ: HERMANAS CALDERON

Hoje Domingo - Segunda de Fim. 2017191 - 1939

GRANDE CASINO PENINSULAR
FIGUEIRA DA FÓZ

Quinta-feira, 8 de Agosto de 1946

NO SALÃO DO CAFÉ
em 18 horas em

GRANDE GARRAIADA INFANTIL

5 - cantadas e danças gratuitas - 5
CANTADAS: CANTADAS PORTUGUESAS - PORTUGUESES
5 - "Cora Rosalinda"
Medalhas de prata aos mais felizes!
Cantadas e bailes em conjunto!

VARIEDADES
A festa que lembra o Casino de PORTUGAL COMEÇANDO ÀS 10H30

em 22,30 horas em

Os grandes actos de estreia:

Marianne et Helga Linne
cantadas de Actrices em bailes de Actrices e cantadas

Laura Puchol
magnifica vocalista

Araceli Coral
melhor internacional

NO SALÃO NOITE
em 22,30 horas em

A grande atracção internacional:
A ORQUESTRA
"THE AMERICAN'S BOYS"

A magnifica apresentadora principal do Casino
IBÉRIA
com a celebre violonista DAVID TELLER

BAILE - VARIEDADES

Baile Baile, 9	Domingo, 10
TOMBOLAS - PENINSULAR	SENÃO DE ARTE
"O que se ganha e o que se perde"	"O que se ganha e o que se perde"
Promoção especial de restaurantes e de pasteleria	

GRANDE CASINO PENINSULAR
FIGUEIRA DA FÓZ

HOJE

Quinta-feira, 19 de Agosto de 1948

NO SALÃO DO CAFÉ
em 18 horas em

Baile Infantil de Costumes

PRÊMIO AS MAIS LINDAS FANTASIAS!
Cantadas e bailes em conjunto!

BAILE - VARIEDADES
em 22 horas em

CARMELITA SANDRA
cantadas, bailes e danças gratuitas

MARIA SIDÓNIO
melhor de todos

ROSITA PASTRAT
melhor de todos bailes e cantadas

HERMANOS MONTEZAN
cantadas de todos os estilos internacionais

NO SALÃO NOITE
em 22 horas em

BAILE

As apresentações das grandes actrices musicais

"TRYARES BELO" - **"CARAYANA"**
cantadas internacionais

VARIEDADES

Magnifico serviço de café, restaurante e pasteleria

SEXTA-FEIRA, 20 Noite de Baile "O que se ganha e o que se perde"	SEGUNDA-FEIRA, 21 Estor de Ouseiro "O que se ganha e o que se perde"	QUARTA-FEIRA, 23 Marie Clare "O que se ganha e o que se perde"
---	---	---

Hoje Domingo - Segunda de Fim. 2017191 - 1939

Grande CASINO Peninsular
FIGUEIRA DA FÓZ

QUINTA-FEIRA, 22 de Agosto de 1948

Grandiosa Garraiada Infantil

5 - AUTÉNTICAS GARRAIADAS - 5
em conjunto com o Sr. CHAVE

Um cantado em estilo em grupo! "O que se ganha e o que se perde"	A cantada dos "cantados" "O que se ganha e o que se perde"	A cantada infantil que lembra Costas de Portugal em cantadas "O que se ganha e o que se perde"
---	---	--

Números de sucesso como nunca se apresentaram!

Hoje Domingo - Segunda de Fim. 2017191 - 1939

Anúncios de programas infantis
Fonte: A. H. M. F. F., Câmara Municipal. Turismo.
Programas Visados. Inspeção dos Espectáculos.
Pastas: 1939; 1946; 1948.

5. O casino na era da expansão turística

Em Maio de 1948 é promulgado o decreto que autoriza a abertura de novo concurso para o contrato de concessão da exploração dos jogos de fortuna ou azar, criando-se, desta maneira, as condições para o restalecimento legal da zona de jogo temporário. De imediato é constituída a Sociedade Figueira-Praia SARL que ganha o concurso, obtendo a “concessão do jogo” até ao ano de 1958, a qual exigia, entre outros aspectos, que as empresas concessionárias colaborassem com os organismos oficiais na promoção turística da respectiva zona de jogo.

A notícia foi recebida com grande regozijo na cidade, sendo festejada com lançamento de foguetes. Em particular, colocavam-se grandes expectativas na presença de figueirenses na novel empresa, o que a aproximarão do comum dos cidadãos. O grupo de fundadores era totalmente constituído por elementos bem conhecidos da cidade, tendo ficado à frente da empresa antigos funcionários do casino: Arménio Joaquim de Faria, solicitador de profissão, como Director-Delegado; Ernesto Tomé, advogado e Augusto da Silva, empresário do ramo hoteleiro, ambos como Directores, embora este último tenha pedido a sua exoneração pouco tempo depois (Quadro 5).

Quadro 5

Fundadores da Sociedade Figueira Praia (17 de Julho de 1948)			
Outorgantes (e esposas)	Estado civil	Profissão	Morada
Augusto Alves da Silva	casado	Industrial e proprietário	Figueira da Foz
D. Diamantina Loureiro da Silva	casada	Proprietária	Figueira da Foz
Arménio Joaquim de Faria	casado	Solicitador e proprietário	Figueira da Foz
D. Maria de Jesus Pinto Faria	casada	Proprietária	Figueira da Foz
Dr. Ernesto Tomé	casado	Advogado e proprietário	Figueira da Foz
D. Rosa Águas Tomé	casada	Proprietária	Figueira da Foz
João José de Figueiredo Costa	casado	Proprietário	Figueira da Foz
Carlos Humberto Mendes	casado	Contabilista e proprietário	Figueira da Foz
João Pereira Simões	casado	Industrial	Figueira da Foz

Fonte: A.U.C., Notário José Alves Pais, Livro nº 439 A, fl. 87-90v

A Sociedade Figueira Praia nasceu num período de certo desenvolvimento do país com os inícios da expansão dos lazes e do turismo, bem como, no caso da localidade em causa, de um certo dinamismo, fruto de vários factores: melhoria dos transportes, o incremento das ligações marítimas com o Atlântico Norte, a renovação das frotas pesqueiras, em particular, as destinadas à pesca do bacalhau ou do arrasto no início da década de cinquenta, o “renascer” da construção naval e a instalação de unidades fabris na cidade, ingressando alguns empresários na equipe dirigente da empresa.

Ressurge a questão da construção do hotel, para a qual se avança, sendo inaugurado, com pompa e circunstância, em Junho de 1953, o “Grande Hotel da Figueira”, o qual vem enriquecer a oferta turística na cidade e modernizar o tecido urbano.

O período que se inicia sob a gestão da nova sociedade apresenta algumas linhas de continuidade relativamente ao passado mas também reflecte diferenças significativas. A colaboração com a instituição autárquica, em especial com a Comissão Municipal de Turismo, vai-se reduzindo e espaçando, ou melhor, a interferência dessa instituição na gestão interna do casino vai sendo cada vez menor, reduzida apenas à realização, em parceria, de actividades recreativas.



Folhetos publicitários do casino (1950-1970)
 Fonte: A. H. M. F. F., Câmara Municipal. Turismo.
 Programas Visados. Inspeção dos Espectáculos

José Contente

Expõe

Antuza

Desenho

Gravura

No Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz

De 14 a 20 de Agosto de 1949

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

De Pedro Olayo (filho)

NO GRANDE CASINO PENINSULAR

DE 15 A 20 DE ABRIL DE 1950

1950 - El Diário da Manhã, Figueira da Foz

DESOLUMBRANTE FESTA

no Grande Casino Peninsular

HOJE SABADO 24 de Junho de 1947

TERRA DA FÓZ

BAILE

GRUPO FOLCLÓRICO FLOVON (Bulgária)

PRINCESA DO CONCELHO

BAILE ATÉ DE MADRUGADA

TEATRO DO Grande Casino Peninsular

Quarta-Feira, 24 de Março de 1962

NOITE CULTURAL PELO Coro Universitário de Salamanca

QUE PELA PRIMEIRA VEZ VISITA A FIGUEIRA DA FÓZ

PROGRAMA

Himno Nacional Português - Alfredo Eul
Himno Nacional Español - Adal C. Bernalt

PRIMEIRA PARTE:

Villancico y Romance - Juan del Encina
Ave Maria - L. L. Valente
Popule Meus - L. L. Valente
Et incarnatus est - Cardoso
L'eco - Orlando A. Leão
Dança de las Brujas - E. Floriano
Oli, Pepita - J. Floriano
Crepuscular - Floriano

Intervalo: **VARIEDADES**

SEGUNDA PARTE:

Canción Maragata - Bernalt e C. Bernalt
Alboraga Gallega - Vega
Goika Mendizan - Canal
Fandango Charro - Lealman e C. Bernalt
Vira - S. Ribeiro
Te Dize - Adal Floriano
Negro Sombra - J. Floriano
Farelliva - Pisco
L'Empedá - E. Floriano

Final: **Gaudeamus Igitur**

Director: **JESUS G. BERNALT**

PREÇOS - Pisos, 24000. - 1ª Balcão, 10000. - 2ª Balcão, 6000. - 3ª Pisos, 4000. - 2ª Pisos, 2000. - 1ª Pisos, 1000.

Tip. de 10 Figueiras (Rua de Junho) - 200 tel. - 6-1-1962

GRANDE NOITE DE FESTA

Grande CASINO Peninsular

MARGARDA AMARAL

TRIO ODEIRA

BAILE

II JORNADAS MÚSICAIS DA FIGUEIRA DA FÓZ

No Teatro do Grande Casino Peninsular

SEGUNDA-FEIRA 11 de Setembro de 1967

magnífico espectáculo de BALLET

Pelo Grupo Gulbenkian de Ballet

GRANDE CASINO PENINSULAR

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DA FIGUEIRA DA FÓZ

BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Capitão Silva Dionísio

Alguns programas de concertos e outros espectáculos (anos 60 e 70 do século XX).
Fonte: A. H. M. F. F., Câmara Municipal (Turismo).
Programas Visados (Inspeção de Espectáculos).

Entre algumas das iniciativas realizadas, convém salientar os Grandes Festivais da Canção Portuguesa. Decalcados em exemplos alheios, mais propriamente nos festivais organizados em estâncias europeias que se “lançaram” com a realização dos respectivos festivais (San Remo, em Itália, e Benidorm e Palma de Maiorca, em Espanha), procuravam promover a Figueira da Foz como destino turístico por excelência. Os festivais, a partir de 1961, passam a realizar-se no “Grande Casino Peninsular”, perante uma assistência que se vestia a rigor, com “muito lamé”, como se escrevia na imprensa do tempo.



Foto do festival da Canção dos anos 1960 e Cartaz do Festival da Canção de 1972.
Fonte: Arquivo do Casino; A. H. M. F. F., Programas Visados. Festival da Canção da Figueira da Foz. Jan-Dez (1961-1973).

A partir de finais da década de sessenta, acompanhando a Primavera marcelista, os festivais tornam-se mais arejados e profissionais, mercê de uma maior dotação, em termos orçamentais, o que proporcionou investimentos mais cuidados na sua realização e permitiu contratar artistas mais caros, recorrendo-se, como grandes atracções, aos vencedores dos festivais europeus da canção e, muito especialmente, do consagrado Festival Internacional da Eurovisão, entre os quais, Frida Boccara (em 1969) ou Julio Iglesias (em 1973).



Fotografia de Julio Iglésias no Programa do Festival da Canção de 1973.

Fonte: A. H. M. F. F., Programas Visados (Inspeção de Espectáculos). Festival da Canção da Figueira da Foz. Jan-Dez 1961-1973, XIII Festival da Canção, 27-28 Julho 1973, Figueira da Foz.

Os festivais proporcionam uma abertura ao estrangeiro que reforçam momentos de mudança, como é o caso, entre outros, da actuação em Agosto de 1968, de Juan Manuel Serrat, nome da “nova canção catalã”, que chega à Figueira precedido de uma grande polémica. Tendo sido seleccionado para representar Espanha no Festival da Eurovisão de 1968, recusara-se a fazê-lo, por não lhe ter sido permitido cantar em catalão. A televisão espanhola afasta-o da organização e substitui-o por Massiel que cantará o tema “La, la, la”. O caso rapidamente se converte numa questão política e, ao incluir o “cantor que disse não à Eurovisão”, considerado um símbolo de protesto contra o franquismo, o casino abria-se a cantores comprometidos com causas políticas e culturais.

No ano imediato, em 1969, actuarão Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire, Rui Pato, Fátima Morais, entre outros artistas de uma nova geração de cantores.

A dinâmica musical suscitada pelos Festivais da Canção Portuguesa vai proporcionar a realização de iniciativas idênticas em outras áreas artísticas, escoradas num “saber-fazer espectáculo”, que a prática de longos anos consolidara e que a renovação física do edifício, da responsabilidade dos arquitectos J. Isaías Cardoso e Daciano Costa, com os quais também trabalhou o arquitecto Alberto Pessoa, facilita. As obras enquadram-se na renovação da concessão do jogo, no ano de 1969, tendo sido inauguradas em 1972.

Assim, no caso do cinema, as “Retrospectivas do Cinema Mudo” dão lugar à “Semana Internacional do Cinema” que passa, a partir de 1973, a designar-se por “Festival Internacional de Cinema”, no momento em que se torna mais competitivo. Mas também os festivais da magia, de Jazz, de Penteados... Para as crianças, a partir dos anos 1960 inicia-se uma nova modalidade de espectáculo: o “Mini-Festival da Canção” que dará lugar, a partir dos anos 1980, às Galas Internacionais dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz.



Cartaz do Festival de Jazz 1976

Fonte: Museu Municipal Dr. Santos Rocha da Figueira da Foz.

Ainda num quadro de mudança, o “Grande Casino Peninsular” avança, em 1971, para as “Fantasias Sexy”, com a “Bela Jalalaika”, na sua arrojada “fantasia stryp”. Muito, mas mesmo muito mais, haveria a dizer...

6. Conclusão

A história desta casa de recreio durante o período considerado é marcada por profundas adaptações e reconversões, em resposta a orientações políticas e ideológicas conjunturais, a problemas financeiros internos, à animosidade e ao desprezo dos poderes constituídos para com o jogo de fortuna ou azar, mesmo quando dele se aproveitavam significativamente, o que lhe possibilitou continuar a perdurar ao longo do tempo e atravessar os vários regimes políticos que se sucederam no nosso país: passou da Monarquia para a República, da República para a Ditadura Militar, da Ditadura Militar para o Estado Novo, do Estado Novo para a II República.

A capacidade de se fazer perdurar fundamentava-se numa adaptação rápida às alterações que se sucediam, quer ao nível local como nacional, encarando-se as mudanças culturais e recreativas bem como novas reformas, como uma condição de sobrevivência da empresa, sempre com vista a adaptar o casino aos novos tempos, sabendo simultaneamente criar uma imagem de prestígio através da realização de uma obra de grande visibilidade.

Essa capacidade de iniciativa reflecte-se nas alterações registadas ao nível dos espectáculos, assim como nas constantes adaptações do edifício, não se deixando cair os braços perante problemas conjunturais: O jogo é proibido? Abre-se um animatógrafo na sala de jogo... O animatógrafo não tem público... reforma-se o edifício e instala-se um cinematógrafo...E assim por diante: *The show must go on...*

Outro dos “segredos” da sua capacidade de saber perdurar consistiu na aposta nos vários segmentos etários, desde os mais pequenos aos mais velhos, quase se podendo dizer que tinha um público mais alargado do que os próprios livros do Tintim que vão dos 7 aos 77 anos de idade... O investimento nas crianças ocorre praticamente desde a fundação, sendo um dos pontos fortes da estratégia comercial do “Casino”, admitindo-se que era uma forma de atrair os adultos. Aliás, soube-se preservar a imagem de uma casa de recreio respeitável, conveniente e familiar, adequada aos vários elementos de um agregado doméstico. A aposta na juventude já é mais tardia: acompanha os “gloriosos anos sessenta” e a afirmação de uma cultura juvenil.

Finalmente, um dos outros segredos da longevidade deste casino reside na existência de núcleos de dirigentes que permanecem, de uma gestão para outra, inclusive da empresa que termina para a que emerge, criadora de um sistema distinto, mas incorporando os sentidos

e as reestruturações verificadas anteriormente. A estabilidade nas gerências, sem rupturas decisivas, e sem descontinuar a actividade precedente, constituiu um dos traços identitários da filosofia da empresa, assegurando-se sempre a transmissão de linhas orientadoras, numa interligação estreita entre o passado, o presente e o futuro.

A este facto associa-se uma estrutura de empresa quase familiar, com linhas de continuidade entre pais e filhos, assunto que não foi possível aprofundar por falta de dados. Soube-se também ter na direcção das empresas elementos extraordinariamente dedicados e muito competentes, em particular nas direcções artísticas. É da mais elementar justiça nomear duas individualidades que marcaram a história deste casino e que ajudaram a construir o seu prestígio social e cultural: “mestre Rogério Reynaud”, a alma das “Festas à Portuguesa”, e Mendes Pinto, director artístico nos anos 1960 e 1970. Ambos, à sua maneira, compreenderam o seu tempo e o souberam incorporar nas iniciativas realizadas, contribuindo para afirmar, nacional e internacionalmente, o “Grande Casino Peninsular” e, indirectamente a cidade da Figueira da Foz.